

A importância do aprendizado da língua de sinais entre familiares de pessoas surdas

The importance of learning sign language among family members of deaf individuals

Divina Ferreira dos Santos¹
Maria Elba Medina Barrios²

627

Resumo: Este artigo de revisão aborda a importância do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelas famílias de pessoas surdas, com o objetivo de melhorar a convivência e promover uma comunicação eficaz. Através de uma metodologia qualitativa baseada na revisão de literatura (Gonçalves, 2007), o estudo explora o papel da família na aquisição da linguagem, na comunicação e no desenvolvimento psíquico e linguístico das crianças surdas. A análise destaca que o ambiente familiar é crucial para a construção da identidade da criança e que a falta de comunicação adequada pode levar ao isolamento social do indivíduo surdo. Muitos surdos, filhos de pais ouvintes, têm acesso tardio à Libras, frequentemente na fase adulta, devido à preferência dos pais pela oralização. Esta dinâmica afeta diretamente o comportamento social e a integração do sujeito na sociedade. O artigo conclui que a família, como primeiro núcleo de socialização, é fundamental para o desenvolvimento pleno do indivíduo, seja ele surdo ou ouvinte. A comunicação eficaz dentro da família, facilitada pelo aprendizado de Libras, é essencial para o desenvolvimento de um ambiente inclusivo e para a integração social das pessoas surdas.

Palavras-chave: Libras. Família. Aprendizado. Comunicação. Desenvolvimento.

Abstract: This review article addresses the importance of learning Brazilian Sign Language (Libras) by the families of deaf individuals, aiming to improve coexistence and promote effective communication. Through a qualitative methodology based on literature review (Gonçalves, 2007), the study explores the role of the family in language acquisition, communication, and the psychological and linguistic development of deaf children. The analysis highlights that the family environment is crucial for the child's identity formation and that inadequate communication can lead to social isolation for the deaf individual. Many deaf children of hearing parents have late access to Libras, often in adulthood, due to the parents' preference for oralization. This dynamic directly affects the social behavior and integration of the individual into society. The article concludes that the family, as the first socialization

¹ Mestranda em educação pela Universidade Del Sol-UNADES-PY. E-mail: ferreiradivina56@gmail.com

² Professora doutora em Ciência da Educação, orientadora pela Universidad Del Sol – UNADES – Paraguai – PY; mariaelbamedinab@gmail.com

Recebido em 12/02/2022

Aprovado em 16/03/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



nucleus, is fundamental for the full development of the individual, whether deaf or hearing. Effective communication within the family, facilitated by learning Libras, is essential for developing an inclusive environment and for the social integration of deaf individuals.

Keywords: Libras. Family. Learning. Communication. Development.

1-Introdução

O objetivo deste estudo é avaliar a importância do aprendizado de Libras para os familiares de pessoas surdas. Porque a comunicação eficaz entre os membros de uma família é fundamental para o desenvolvimento emocional e social de seus integrantes. No contexto das famílias com pessoas surdas, o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) torna-se uma ferramenta indispensável para fortalecer os vínculos familiares e promover a inclusão. Este artigo examina a importância do aprendizado de Libras pelas famílias de pessoas surdas, enfatizando os benefícios de uma comunicação fluida e significativa dentro do ambiente familiar.

A família, como primeira esfera de socialização, desempenha um papel crucial na formação da identidade e no desenvolvimento psíquico e linguístico da criança. O ambiente familiar pode influenciar positivamente ou negativamente o crescimento de seus membros, dependendo da qualidade das relações e interações estabelecidas. Para as crianças surdas, a presença de uma comunicação eficaz com seus familiares é vital para evitar sentimentos de isolamento e marginalização.

Infelizmente, muitos surdos, filhos de pais ouvintes, têm acesso tardio à Libras, muitas vezes apenas na fase adulta. Esta situação frequentemente resulta da percepção equivocada de que a oralização deve ser priorizada sobre a aprendizagem da língua de sinais. A identidade surda de transição, caracterizada por este acesso tardio, pode impactar negativamente o comportamento social e a integração dos indivíduos surdos.

É na interação pessoal, seja ela individual ou coletiva, que as potencialidades dos indivíduos são plenamente desenvolvidas. A comunicação, como principal meio de interação, é crucial para a participação ativa na família e na sociedade. Assim, a aprendizagem de Libras pelas famílias não só facilita a comunicação com o membro surdo, mas também enriquece as relações familiares, promovendo um ambiente mais inclusivo e harmonioso (GIMENEZ, 2020)

Este estudo adota uma metodologia qualitativa, conforme definido por Gonçalves (2007), centrando-se em uma revisão de literatura. Durante o processo, foram consultados diversos livros e leituras adicionais para aprofundar a compreensão sobre o papel da família na aquisição da linguagem e comunicação, as dinâmicas do relacionamento familiar, e o

aprendizado e desenvolvimento da pessoa surda. Especial atenção foi dada à importância da linguagem de sinais no desenvolvimento desses indivíduos, buscando assimilar as inter-relações entre esses aspectos e sua influência no bem-estar e integração social das pessoas surdas.

A família é o primeiro grupo social que a criança interage e, a partir da vivência nesta coletividade, internaliza padrões de comportamento, bem como partilha um sistema linguístico que mediará a assimilação de conhecimentos durante toda a vida (CORREA, 2017).

A família atua não só no sentido de amparar física, emocional e socialmente os seus membros, mas também esclarecendo o que é melhor ou pior para seu crescimento, cabendo a ela a responsabilidade de proporcionar qualidade de vida aos mesmos (NEGRELLI & MARCON, 2006).

Para Motta et al. (2003), os cuidados oferecidos pela família constituem estratégias que favorecem o desenvolvimento humano à medida que proporcionam amor, afeto, proteção e segurança dentro de um espaço de inclusão e acolhimento aos filhos.

É a qualidade dessas relações que permite um melhor relacionamento consigo mesmo e o melhor convívio social com as outras pessoas. Para a criança, o ambiente familiar pode ou não, dependendo de sua qualidade, proporcionar o estabelecimento de vínculos e apego com os membros familiares, contribuindo para a formação de sua estrutura psíquica (MOTTA et al., 2003).

O desenvolvimento linguístico inicia na família e se estende aos demais grupos sociais os quais a criança interage, contudo, Slomski (2010) adverte que 95% dos surdos brasileiros nascem em famílias de ouvintes que não são usuárias de Língua de Sinais, ou seja, estas crianças relacionam-se em um grupo que utiliza um sistema linguístico que não é capaz de ser adquirido naturalmente pela criança surda.

É importante nos reportarmos à ideia de Quadros (2000, p.22), o qual esclarece sobre:

... a importância da comunicação na qualidade da interação familiar, e na formação dos indivíduos, e principalmente nos casos de crianças surdas a deficiência não é um problema da pessoa que a tem, mas sim de quem a vê. Isto é de suma importância, pois a problemática que envolve esses indivíduos está intimamente relacionada com o preconceito e a aceitação dessa condição.

De acordo com o Art. 1º da Lei Federal, é descrito: É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com

estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Nessa perspectiva, o uso da Libras passou a ser um direito dos surdos. Além disso, a definição da pessoa surda, segundo o Decreto citado acima, passou a ser aquela pessoa que, apesar da perda auditiva, compreende o mundo e, ao mesmo tempo, interage com ele por meio de experiências visuais (ALVES & FRASSETTO, 2015).

A família e a aquisição da linguagem

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, pois é por meio dessa que ela se torna um falante. Essa capacidade que ela tem de produzir uma linguagem é a maior dentre o processo do desenvolvimento linguístico; por meio da linguagem, mesmo antes de aprender a falar, a criança tem acesso a valores, crenças e regras de sua cultura (TEIXEIRA e DICKEL, 2013).

Para Chomsky (apud Coll et al. 1995), a capacidade de adquirir linguagem é exclusiva dos seres humanos, por ser uma condição geneticamente determinada, sendo assim, todos os seres humanos aprendem a falar, basta que desenvolvam suas capacidades inatas. Piaget (apud Montangero e Naville, (1998) define a capacidade de linguagem nos seres humanos como uma capacidade cognitiva, na qual a linguagem é a expressão dessa condição. Muitas são as pesquisas na área, mas o que se percebe com as investigações realizadas é que, para o sujeito falar, existe a implicação do desenvolvimento de processos cognitivos, que, por sua vez, permitem desenvolver a capacidade de simbolização.

Luz (2003) conceitua que “é com o desenvolvimento linguístico que se torna possível o conhecimento do mundo, a troca de experiências, a aquisição da noção de tempo e de espaço, a introjeção de valores e de normas sociais. Ou seja, a linguagem é fundamental para o desenvolvimento emocional, social, cognitivo e intelectual” (LUZ, 2003, p. 05).

A aquisição da linguagem é um ato de evolução constante e está sujeita a influência de diversas áreas. A família constitui um marco importante no que se refere a aquisição da linguagem. Um aspecto relevante que condiciona a aquisição e o desenvolvimento da linguagem se refere a interação mãe-criança, principalmente (ROCHA, RODRIGUES e SILVA, 2013). A família é, em geral, o primeiro grupo social que a criança interage e, a partir da vivência nesta coletividade, internaliza padrões de comportamento, bem como partilha um sistema linguístico que mediará a assimilação de conhecimentos durante toda a vida (CORREA, 2017).

Daneluz (2008) e Garcia (2015) discorrem que o ambiente familiar, sua organização, as representações e as interações podem interferir no desempenho do educando na escola, a medida que é neste espaço que, a maioria das crianças, adquirem os primeiros conhecimentos sobre si e do mundo.

A família é importante lugar de relações, por intermédio dos membros da família e suas trocas que a criança constrói sua identidade. Sendo assim, o ambiente familiar pode ou não, dependendo da qualidade de suas relações, construir o desenvolvimento psíquico e linguístico adequado para a criança (NASCIMENTO et al., 2016).

Dessa forma, as relações sociais e os diálogos estabelecidos pela família são essenciais para o desenvolvimento da criança. É diante dessas interações que a criança se insere no universo comunicativo familiar, desenvolvendo cada vez mais seus conhecimentos linguísticos (SILVA & QUEIROGA, 2014).

Entendendo a surdez

Em relação ao sistema auditivo, Alves (2012), explica que este é responsável pela identificação e o reconhecimento dos diferentes sons do ambiente e sua função no desenvolvimento pleno do ser humano é inquestionável, já que tem através dele tem-se a aquisição da linguagem e comunicação oral com as pessoas, bem como o desenvolvimento individual e social.

Para Silva, (2021), a audição é o meio pelo qual qualquer pessoa consegue entrar em contato com o mundo sonoro, com o meio ambiente que o cerca, com as estruturas da língua que é uma característica própria da espécie humana. Nesse desiderato, qualquer problema em relação à audição, notadamente a surdez, prejudica o processo de aprendizagem da aquisição da língua falada, escrita e a leitura, enfim, do desenvolvimento global do indivíduo.

Segundo o Ministério da Saúde, surdez é o nome dado à impossibilidade ou dificuldade de ouvir. A audição é constituída por um sistema de canais que conduz o som até o ouvido interno, onde essas ondas são transformadas em estímulos elétricos que são enviados ao cérebro, órgão responsável pelo reconhecimento e identificação daquilo que ouvimos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

Vieira e Gonçalves (2015), afirmam que a perda auditiva pode ter origem genética, congênita ou adquirida, e os agentes infecciosos estão entre as principais causas de perdas auditivas, seja adquirida ou congênita, sendo que essa última é decorrente de infecção da orelha interna em gestações marcadas pela rubéola, toxoplasmose, herpes ou outros agentes infecciosos.

Confirmando essa assertiva Monteiro (2016) diz que:

A surdez não impõe barreiras práticas na vida diária. As pessoas surdas podem se mover livremente, já que não há impedimento para suas capacidades físicas. As dificuldades que as pessoas surdas vivenciam dizem respeito à incapacidade de ouvir e, portanto, de se comunicar com a sociedade que ouve, pois eles não compartilham o mesmo canal de comunicação. Esta situação impede a integração total das pessoas surdas em suas famílias (se tratando de pais ouvintes não sinalizadores), e na sociedade, já que os relacionamentos sociais são estabelecidos primariamente por sons (MONTEIRO, 2016, p. 01).

Libras

Historicamente, os indivíduos surdos enfrentaram tempos difíceis em que não havia aceitação e, eram considerados como seres incapazes de aprendizados e, portanto, não deviam possuir direitos civis, religiosos e políticos dentre outros. As línguas de sinais, por fim, não passavam de mímicas e gestos aleatórios, por isso eram desvalorizados socialmente (BERNARDES, 2020).

No Egito Antigo, a condição de pessoas surdas era bem-vista tratando-se de seres especialmente escolhidas, todo o seu comportamento lhes conferia um toque de misticismo, de acordo com Eriksson (1998, apud PEREIRA et al, 2011, p. 5). Já na Europa, século VI, no reinado do imperador Justiniano, o código que levava seu nome, determinou o que os surdos que não falassem não poderiam herdar fortunas, ter propriedades nem escrever testamento. Para os surdos que não eram mudos, a condição melhorava um pouco, pois a eles eram concedidos direitos legais de herdar títulos e propriedades (BERNARDES, 2020).

Entretanto, no século XVI, como afirma Goldfeld (1997, p. 25), “[...] o monge beneditino espanhol, Pedro Ponce de Leon (1520 – 1584), ensinou quatro surdos, filhos de nobres, a falar grego, latim e italiano, além de ensinar-lhes conceitos de física e astronomia”, destacando-se assim dentre que mantinham o ensino de surdos da nobreza espanhola.

Os trabalhos de caráter históricos indicam De Leon como o primeiro professor de surdos. Conforme Pereira et al (2011) “Ele utilizava o alfabeto manual com as duas mãos e fazia uma junção dos sinais usados pelos monges beneditinos que viviam sob a lei do silêncio e dos desenvolvidos pela família Velasco” (MOORES, 1996 apud PEREIRA et al 2011, p. 7).

Nas palavras de Goldfeld (1997, p. 25), “Pedro Ponce de Leon desenvolveu um método de educação de surdos que envolvia o alfabeto manual a escrita e a oralização, além de criar uma escola de professores para surdos”. Charles Michel de L’Épée (1712 -1789) foi uma pessoa muito importante para a história dos surdos. Segundo as afirmações de Lacerda (1998), o abade

francês L'Épée foi o primeiro a estudar uma língua de sinais utilizada pelos surdos com atenção para suas características linguísticas.

Em sua trajetória, o abade Charles Michel de L'Épée publicou a obra intitulada “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”, empregando as regras sintáticas e o alfabeto manual construído por Pablo Bonnet. Em 1789 L'Épée deixa um legado de 21 escolas para surdos na França e em outros países europeus (STROBEL, 2009, p. 22).

Segundo a Feneis (2011), a Libras foi trazida da França em 1856, quando o Brasil ainda era uma colônia portuguesa governada pelo imperador Pedro II, mais precisamente no Rio de Janeiro. O conde francês Ernest Huet desembarcou na capital fluminense com o alfabeto manual francês e alguns sinais. O material trazido pelo conde, que era surdo, deu origem à Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Indubitavelmente, a oficialização da Libras como língua da comunidade brasileira pela Lei da Libras 10.436 (BRASIL, 2002) foi uma grande conquista ao Movimento Surdo, que há tempos atuava de diferentes formas a fim de conquistar o reconhecimento da língua e legalidade de usá-la livremente, inclusive no processo de educação escolar (BERNARDES, 2020).

A primeira escola dedicada à educação de surdos no Brasil foi fundada no Rio de Janeiro pelo imperador regente respaldado pela Lei nº 839 de 26 de setembro de 1857, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”. Nesta instituição iniciou o uso combinado da língua de sinais francesa com os sistemas utilizados pelos surdos de várias partes do Brasil. Logo após, Huet apresentou a algumas pessoas, inclusive ao imperador D. Pedro II os resultados dos seus esforços, recebendo apoio positivo (STROBEL, 2009, p. 24).

Instituído no Brasil em 2008, o Dia Nacional dos Surdos, celebrado em 26 de setembro, homenageia a criação da primeira escola brasileira voltada a esse segmento da população, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines). Este é um centro de referência nacional na área da surdez. Segundo o Ministério da Educação, 2018:

O instituto contempla a educação precoce e oferta serviços desde recém-nascidos até crianças de três anos, educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, atende a aproximadamente 500 alunos. Os professores participam de estudos e pesquisas sobre sua prática, elaboram materiais de apoio à educação de surdos e atuam na capacitação de recursos humanos. Para tanto, deslocam-se pelo país e pelo exterior para prestar assessoria técnica aos sistemas de ensino. A formação de profissionais surdos e ouvintes no curso bilíngue de pedagogia é uma experiência pioneira no Brasil e na América Latina (MEC, 2018).

De acordo com Kelman et al. (2011):

Famílias ouvintes que não possuem conhecimento de Libras apresentam uma menor interação com seus filhos surdos devido às dificuldades de comunicação. Mas, ainda assim é importante que os pais trabalhem essa questão com seus filhos por meio de expressões corporais e faciais e que façam um esforço no sentido de aprender Libras, já que isso certamente fará uma grande diferença na vida pessoal e acadêmica dos filhos surdos. As mães, por estarem mais próximas de seus filhos tem um papel ativo na promoção do seu bem-estar e do aprendizado, bem como na inclusão e desenvolvimento pleno. Tudo isso pode ser facilitado através do aprendizado da Libras, já que a aquisição da língua tem uma grande influência do meio no qual a criança está inserida. O desenvolvimento cognitivo adequado, bem como o aprendizado da escrita e leitura tanto em relação à Língua Portuguesa quanto a Libras está diretamente associado aos estímulos da família neste processo.

Os pais de surdos devem estar cientes da tão grande importância da comunicação entre ambos, uma vez que, por meio da língua de sinais este dialogo pode fluir de maneira satisfatória. Sentimentos e emoções podem ser trabalhados nesta modalidade, ambos conversarão sobre os mais variados assuntos (SILVA, 2021).

O surdo necessita a todo o momento de sua família, como qualquer outro indivíduo e há grande necessidade de haver comunicação entre estes membros da família para que não haja no surdo o sentimento de isolamento por parte de seus familiares, já que estes lhes são importantes (ROCHA, RODRIGUES e SILVA, 2013, p. 2358).

Família e a aceitação

A família atua não só no sentido de amparar física, emocional e socialmente os seus membros, mas também esclarecendo o que é melhor ou pior para seu crescimento, cabendo a ela a responsabilidade de proporcionar qualidade de vida aos mesmos.

É importante nos reportarmos à ideia de Quadros (2000), o qual esclarece que a deficiência não é um problema da pessoa que tem, mas sim de quem a vê. Isto é de suma importância, pois a problemática que envolve esses indivíduos está intimamente relacionada com o preconceito e a aceitação dessa condição. A família enfrenta muitas dificuldades para aceitar a deficiência. É uma descoberta traumática e confusa, em que ela busca justificativas sobre porque serem eles os escolhidos (ALMEIDA, 1993).

A surdez por ser invisível, não é compreendida pelos ouvintes, mas tem uma interferência enorme no desenvolvimento social educacional e emocional do indivíduo surdo. Quadros (2000), identificou vários estudos que apontam ser este um dos problemas de saúde mais ignorados no mundo, por falta de atenção e de prevenção. A deficiência auditiva é caracterizada pela dificuldade ou impedimento do indivíduo ouvir o som ambiente, cujos estímulos elétricos não chegam ao cérebro. Além disso, a criança com deficiência auditiva pode

apresentar atraso ou alteração na fala. A deficiência auditiva pode estar presente desde o momento do parto ou se desenvolver no pós-parto ou ao longo da vida, devido a alguma comorbidade (THOMAZ et al., 2020).

Os estudiosos destacam que, ao chegarem à escola, os estudantes trazem uma infinidade de saberes oriundos das relações desenvolvidas no meio social onde vivem. Entretanto, Garcia (2015) ressalta que a ausência de uma língua compartilhada com as pessoas com as quais eles interagem cotidianamente pode, além de interferir na compreensão do mundo, atuar negativamente na representação de si.

3-Resultados

Após a seleção de 04 estudos, todos foram compilados no Quadro1 para analisar as variáveis a seguir: autores, título do estudo, revista de publicação e qualidade, ano e país da publicação, base de dados/biblioteca virtual, idioma e temas do estudo.

DI	AUTOR	TÍTULO	Edição	ANO	BASE DOS DADOS	TEMÁTICA
1	QUADROS, Ronice Muller.	Língua de Sinais: instrumentos de avaliação.	Artmed	2011	SciELO	Libras
2	GOLDFELD, Maria.	A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista	Plexus Editora	1997	SciELO	Linguagem e comunicação do surdo.
3	DUARTE, Soraia Bianca Reis.	Aspectos históricos e socioculturais da população surda.	Revista História, Ciência e Saúde.	2013	SciELO	História dos surdos.
4	PEREIRA, Rachel de Carvalho	Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social	Revinter	2008	SciELO	Surdez

Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Em relação as Bases de dados pesquisadas, foram utilizadas o Scielo, que exibiu 04 (quatro) dos estudos selecionados (100%). No que diz respeito ao idioma, todos os artigos selecionados possuem como idioma o português e foram produzidos no Brasil.

Com base no quadro apresentado o quadro apresenta 04 (quatro) trabalhos que foram publicados nos anos de 1997 a 2013.

5-Conclusão

De acordo com os resultados, pode-se concluir que a família na figura dos pais tem grande responsabilidade na criação desse filho surdo; é preciso quebrar essa barreira na comunicação entre pais e filhos, pois no seu seio inicia-se a formação do ser humano. É importante que os pais dominem a língua de sinais para exercer a sua paternidade, aconselhando seus filhos, mantendo diálogo aberto sobre todos os assuntos pertinentes à vida desse filho, estreitando cada vez mais esse laço afetivo familiar.

Diversos autores apoiam a participação da família na aquisição da identidade do surdo, isso se refere também a participação no aprendizado da Libras, no incentivo, no carinho ofertado, nas demonstrações de amor além da comunicação ser facilitada.

Sabemos que é por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa. Nesse processo, a família aparece como grande responsável, pois é nela que se inicia a formação social de um ser humano.

Para isso acontecer, é necessário o estabelecimento de um canal de linguagem comum. Assim, o que normalmente se desenvolve em uma família de ouvintes torna-se um desafio quando existe um surdo dentro de casa.

A família deve ser o primeiro apoio a pessoa surda, o primeiro incentivo, buscando ajuda onde for necessário, ofertando meios para o melhor desenvolvimento da criança. Para que possamos formar cidadãos plenos em desenvolvimento e conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edilania Reginaldo. Caracterizando a surdez: fundamentação para intervenções no espaço escolar. Revista Lugares de Educação, Bananeiras/PB, v. 2, n. 2, p. 75-92, Jul.-Dez. 2012. <https://doi.org/10.18788/2237-1451/rle.v2n4p75-92>

BERNARDES, K. T. **Saberes e identidade de professores de Libras**. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal Goiano, Morrinhos, GO: IF Goiano, 2020.

COLL C, Palacios J, Marchesi A. Desenvolvimento psicológico e educação I. Psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artmed; 1995.

CORREA, A. M. S. **Escola, família e bilinguismo na educação de surdos**. Adriana Moreira de Souza Corrêa, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 883 – p. 885, set. de 2017.

DANELUZ, M. **Escola e Família: duas realidades, um mesmo objetivo**. In: Anais do I Simpósio Nacional de Educação e XX Semana de Educação. Comissão científica Adrian Alvarez Estrada [et al.] — Cascavel, PR, 10 a 12 de novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/ficha.html>>.

DA SILVA GONCALVES, Maria Célia. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 199-203, mar. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 jun. 2021.

GARCIA, E. C. **O que todo Pedagogo precisa saber sobre Libras?: os principais aspectos e a importância da Língua Brasileira de Sinais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

GIMÉNEZ, Mercedes Blanchard et al. Afetividade na educação infantil: um estudo de caso à luz de Paulo Freire, Piaget e Wallon. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 32, n. 1, p. 245-258, 2021.

FERREIRA, W. B.; BERTOLDO, M. E. J.; MOITA, FM. Reflexões da presença de uma criança deficiente auditiva na (dês) organização intrafamiliar. *Temas Desenvolv.*, São Paulo, v. 4, p. 17-24, 2002.

FENEIS – FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. Projeto escola pública integral bilíngue (libras e português-escrito). Brasília, 26 de setembro de 2011.

GOLDFELD, M. **Breve relato da educação de surdos**. In GOLDFELD, M. A criança surda. São Paulo: Plexus, 1997.

KELMAN, Celeste Azulay.; SILVA, Daniele Nuens.; AMORIM, Ana Cecília.; MONTEIRO, Rosa Maria Godinho.; AZEVEDO, Daisy Cristina. **Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue**. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 349-365, maio/ago. 2011. <https://doi.org/10.26512/lc.v17i33.3737>

Luz, R. D. . **Violência psíquica e surdez** - Os caminhos de um (des)encontro. Informativo Técnico-Científico Espaço INES, 2003

MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de promoção da saúde**. Brasília, 2012.

MONTEIRO, R. Surdez e Diagnóstico: narrativas de surdos adultos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 32 n. esp, 2016. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne210>

MOTTA, M. G. C. et al. **Família como unidade de desenvolvimento humano e saúde.** Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v. 2, p. 24-27, 2003

NASCIMENTO, G.B.; SCHILING, N. O.; UBA, L S. R.; BIAGGIO, E. P. V.; KESSLER, T. M. **Classificação socioeconômica e qualidade de vida de familiares de crianças e adolescentes com deficiência auditiva.** Revista CEFAC. 2016; 18(3): 657- 66.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201618313215>.

NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. **Familia e criança surda.** Revista Ciência, Cuidado e Saúde Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, jan./abr. 2006

QUADROS, E. C. de. **O ambiente familiar e as condições de acesso das crianças surdas à língua de sinais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil e Fundamental)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

ROCHA, L. R. M.; RODRIGUES, L.; SILVA, T. **A importância da Língua de Sinais no seio familiar do surdo.** VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial Londrina de 05 a 07 novembro de 2013, p.2355-2365 – ISSN.

SILVA, A. C. F.; FERREIRA, A. A.; QUEIROGA, B. A. M. **Desenvolvimento da narrativa oral e o nível de escolaridade materna.** Ver CEFAC. 2014;16(1):174-86.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620146412>.

STROBEL, Karin. **A história da educação de surdos.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

ROCHA, Cristina Castro; SÁ, Susana Oliveira. PDF A inteligência emocional e a importância da compreensão das emoções para as educadoras no desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar. **ALTUS CIÊNCIA**, v. 14, n. 14, p. 40-67, 2022.

TEIXEIRA, Cristina Ribas; DICKEL, Adriana. A aquisição da linguagem por meio das interações promovidas pelo cuidador em classe de berçário. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 30, n. 91, p. 52-63, 2013 . Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-8486213000100007&lng=pt&nrm=iso>.

VIEIRA, A. B.; GONÇALVES, D. U. **Doenças infecciosas e perdas auditivas.** Revista Medicina Minas Gerais 2015; 20(1): 102-106.